

ANÁLISE RETÓRICA: TEXTOS MOTIVADORES DA PROVA DE REDAÇÃO DO ENEM (2018)*

CARLOS HENRIQUE TEIXEIRA DE ARAÚJO**

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), São Paulo, SP, Brasil.


Recebido em: 28 abr. 2020. Aprovado em: 29 jun. 2020.

Como citar este artigo: ARAÚJO, C. H. T. de. Análise retórica: textos motivadores da prova de redação do Enem (2018). *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 20, n. 2, p. 91-104, maio/ago. 2020. doi: 10.5935/cadernosletras.v20n2p91-104

Resumo

Este artigo propõe-se a analisar retoricamente a coletânea de textos motivadores da prova de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) do ano de 2018 para compreender a construção e o direcionamento argumentativos desses textos, apresentados por meio de um discurso pedagógico pretensamente neutro, e seus impactos retóricos desencadeados nos candidatos. Pretende-se, desse modo, evidenciar qual viés discursivo é privilegiado no lugar do silencia-

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) – Código de Financiamento 001.

** E-mail: carlosaraujoliber@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0001-8602-0472>

mento de outro ao se discutir a temática predefinida pelo Enem ancorada na coletânea de textos motivadores. A análise aplica elementos da retórica, com apoio em estudos discursivos orientados para a argumentação, e apresenta uma perspectiva distinta ao tratar da produção de texto, pois observa fatores que orientam a elaboração escrita e não exatamente essa produção.

Palavras-chave

Retórica. Redação. Enem.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista os elementos teórico-metodológicos da nova retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), mais estritamente as técnicas argumentativas – os argumentos quase lógicos, os argumentos baseados na estrutura do real – e os âmbitos da argumentação – orador, auditório, efeitos da argumentação – e outras estratégias de argumentação em perspectiva discursiva (cf. AMOSSY, 2018; FIORIN, 2015), pretende-se analisar os efeitos argumentativos dos textos motivadores da proposta de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) de 2018 para compreender como a trama discursiva desenvolve o tema de redação para que o candidato tenha conhecimentos de mundo acionados durante a produção do texto dissertativo-argumentativo.¹ Investiga-se o componente retórico presente na coletânea de textos² motivadores com o intuito de destacar quais valores político-socioculturais estão sendo privilegiados e reafirmados nos textos. Sendo assim, pretende-se evidenciar a visão de discurso autoritário e persuasivo nos textos motivadores, considera-

1 Pensa-se nos textos dissertativos exigidos pelas instituições provedoras de vestibular ou de provas de aferição de grau de conhecimento, isto é, o tipo textual dissertativo-argumentativo. Como o objetivo deste artigo não é a observação da produção textual dos candidatos, não será problematizada a caracterização de um tipo textual como dissertativo ou dissertativo-argumentativo em termos extensivos.

2 Não se fará uma distinção restrita entre *texto* e *discurso*, e ambos os termos serão utilizados para referência a unidades linguísticas que são elaboradas em torno de estratégias de argumentação, tendo em vista a persuasão. Nos estudos sobre retórica e argumentação, há o uso, respectivamente, dos termos *discurso*, como em Ferreira (2017), e *texto*, como em Koch e Elias (2016). *Discurso* em uma análise retórica refere-se a “toda produção verbal, escrita ou oral, constituída por uma frase ou por uma sequência de frases, que tenha começo e fim e apresente certa unidade de sentido” (REBOUL, 2004, p. xiv). Como se pode ver nesta última definição, a noção de *discurso* em análise retórica compreende também a noção de *texto* para muitas teorias linguísticas.

dos como um discurso pedagógico³ (CITELLI, 1995), mostrando-se a não neutralidade do meio didático na prova de aferição de conhecimentos obtidos no ensino médio.

Essa análise distancia-se do modo a partir do qual as questões de produção de texto⁴ têm sido tradicionalmente orientadas, pois o objeto analítico deste artigo não são as redações do Enem, mas a coletânea de textos motivadores (entendida como um gênero discursivo) que possibilita a escrita de uma redação de textos dissertativo-argumentativos pelos candidatos do exame.

Objetiva-se, portanto, a análise de um *corpus* de textos motivadores que compõem a coletânea da prova de redação do Enem de 2018, cujo tema enseja a discussão de tecnologia e manipulação de dados: “Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na internet”. Dessa forma, deseja-se entender a construção argumentativa do discurso pedagógico (manifestado na coletânea de textos motivadores e em sua escolha e articulação temática) para entender a validação e reafirmação de um valor já dado implicitamente pelo Enem na prova de redação, coagindo-se, assim, pela manutenção desse ideal sobre o tema pelo candidato, embora seja possível a não adesão deste à orientação temática pretendida pela seleção dos textos motivadores.

O objetivo de análise dos textos motivadores procura desmistificar a imagem da neutralidade e objetividade do discurso pedagógico na prova de redação do Enem de 2018, discurso que pode cercear e coagir o candidato a adotar a validação de uma visão de mundo e de valores legitimados no seio social, não trazendo, assim, para o debate outros temas e assuntos. Dessa forma, acredita-se que haja coações argumentativas que levem o candidato (o auditório) a aderir e privilegiar a visada argumentativa dos textos motivadores da prova de redação do Enem, sem questionamentos por causa da força retórica que o orador (o Enem) lhe impõe dentro de um quadro genérico mais fechado.

Na próxima seção, indicam-se os elementos que serão articulados para a análise pretendida.

3 Essa caracterização não implica a desconsideração de que uma prova como a do Enem apresenta também elementos de um discurso jurídico, tendo em vista sua legitimação em termos de editais e regras.

4 Compreende-se que há uma discussão ampla e pertinente em torno das denominações “redação” e “produção de texto”. Como o objeto analítico deste texto não são as produções escritas, mas o que motiva essas produções, não se fará a distinção entre as denominações da prática de elaboração escolar de um texto escrito.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA ANÁLISE

Parte-se da visão de argumentação⁵ de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 1): “o campo da argumentação é o do verossímil, do plausível e do provável”. Afirmção que evidencia multiplicidade de temas que podem ser discutidos e debatidos sob diversas concepções. Sendo assim, a depender da formação discursiva e ideológica, o candidato, na prova de redação de um exame, pode se valer de várias estratégias argumentativas acionando seu conhecimento de mundo para defender ou refutar uma tese.

Por isso, parte-se do ponto de vista da nova retórica, que destaca uma interação social discursiva, ou seja, o uso linguístico numa dimensão social. Consoante Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 4, grifo dos autores), “o objeto dessa teoria é o estudo das técnicas discursivas que permitem *provo-car ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhe apresentam ao assentimento*”.

Nesse sentido, uma análise retórica leva em conta uma função hermenêutica (no nosso caso, a interpretação analítica das propostas de redação em seus textos motivadores) e a observação da eficácia retórica (em nosso caso, a observação da adequação das estratégias argumentativas presentes nos textos motivadores para o posicionamento da argumentação dos candidatos dos exames), tendo em vista um contexto retórico (em nosso caso, o conjunto de fatores sociais, culturais e históricos que estão subjacentes à escolha do tema e presentes nos textos motivadores) que possibilita o sucesso ou o fracasso de estratégias argumentativas elaboradas em torno do ideal de persuasão.

Assim, uma análise retórica se preocupa em analisar mecanismos linguísticos e discursivos que possibilitam a persuasão diante de uma polêmica (FERREIRA, 2017). Os textos motivadores aqui selecionados estão nessa perspectiva, pois há o interesse em mobilizar a elaboração de um texto escrito a partir de um tema que se considera polêmico por poder apresentar diferentes posicionamentos diante de uma questão retórica (a problematização sobre um tema) que se coloca em termos de adesão ou não a pontos de vista expressos nos textos que compõem as coletâneas de textos motivadores.

5 Ainda que haja a discussão sobre a distinção entre retórica e argumentação, este estudo considera, em seu recorte analítico, que o processo retórico estabelece elaboração de estratégias argumentativas presentes nos discursos em recursos linguístico-discursivos, materializados na trama textual. Tal consideração tem seu fundamento teórico principalmente em Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014).

Essa análise retórica leva em conta (em meio ao estudo das técnicas discursivas e linguísticas que mobilizam estratégias argumentativas) três elementos essenciais: 1. o orador, que estabelece a credibilidade de um discurso; 2. o auditório, já que a argumentação é sempre dirigida a indivíduos ou grupos que conformam um ato retórico; 3. o discurso, o *lógos* que estabelece a ação retórica.

Portanto, procura-se desnudar a neutralidade pretendida pelo discurso pedagógico (como dissemos, aqui materializado pela coletânea de textos motivadores), uma vez que fossilizam uma “estandardização dos comportamentos, da ética, dos pressupostos culturais, da visão acerca da família, do papel do Estado” (CITELLI, 1995, p. 53). Sendo assim, o discurso pedagógico, de acordo com Citelli (1995), é marcado por dois eixos centrais: a estereotipia e a idealização. Aquele, por apresentar “tipos” predefinidos aos candidatos sobre a realidade; este, por enquadrar uma realidade ficcional.

A neutralidade do texto pedagógico questionada em Citelli (1995) pode ser revista por meio do uso efetivo do discurso no âmbito social, o qual objetiva primordialmente a adesão de um auditório. Aliando-se retórica com análise do discurso (AD), consegue-se desvelar os sentidos sociais e ideológicos contidos nos textos da coletânea da prova de redação. Conforme Amossy (2018, p. 11):

Desse modo, ela [análise retórica] reivindica seu lugar não somente nas ciências da comunicação, mas também no seio de uma linguística do discurso, compreendida em sentido amplo como um feixe de disciplinas que se propõe a analisar o uso que se faz da linguagem em situações concretas. Mais precisamente, a análise argumentativa apresenta-se como um ramo da Análise do Discurso (AD).

Evidencia-se, assim, que a seleção de autores para compor a coletânea de textos do Enem de 2018 pode evocar um lugar social privilegiado em detrimento de outro; uma exclusão de outras perspectivas sobre a mesma temática debatida; um silenciamento de classes sociais que não tenham acesso ao tópico em debate ou a falta de conhecimento de mundo; uma manutenção dos valores socioculturais e não revisitação deles, ou seja, a contínua adesão a valores já validados na sociedade. Logo, essa acepção de análise enseja um debate e diálogo pautados no dialogismo, não num fechamento discursivo monologal.

Em virtude da constituição da argumentação na língua, conforme diz Fiorin (2015, p. 15), não é possível a dissociação entre língua e argumentação:

É um lugar-comum na linguística atual a afirmação de que argumentatividade é intrínseca à linguagem humana e de que, portanto, todos os enunciados são argumentativos. [...] A argumentação é o estudo das orientações semânticas dos enunciados e dos encadeamentos que as expressam.

Conforme explica Fiorin (2015), existem elementos formais linguísticos que fazem parte do rol da língua e da gramática. Além disso, também diz que “o senso comum tem a concepção de que a argumentação é uma questão de conceitos” (FIORIN, 2015, p. 78).

A exposição interpretativa dos textos é delimitada pelos princípios constituintes: 1. imagem do orador do texto motivador com o intuito de persuadir pelo lado emocional usando técnicas linguísticas múltiplas (*éthos*, *páthos* e *lógos*), 2. lugares retóricos, ou seja, os “grandes armazéns de argumentos, utilizados para estabelecer acordos com o auditório” (FERREIRA, 2017, p. 69) e 3. uma análise discursivo-retórica dos esquemas argumentativos quase lógicos e baseados na estrutura do real. Aqueles “têm pretensão a certa validade em virtude ao aspecto racional”; estes “valem-se dela para estabelecer uma solidariedade entre juízos admitidos e outros que se procura promover” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 297).

ANÁLISE DO CORPUS

Nos textos motivadores,⁶ há as instruções que devem ser seguidas pelo candidato do Enem. Usa-se o discurso dominante, isto é, não há qualquer possibilidade de questionamento, caso contrário, penalidades serão aplicadas. Além disso, o discurso dialogal é mitigado, tornando-se fechado, monossêmico e monológico. A função informativa do texto é bem clara e sucinta, não apresentando duplas interpretações.

6 Os textos motivadores e as figuras que os integram estão disponíveis em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/enem/redacao-enem-manipulacao-do-comportamento-do-usuario-na-internet/>. Acesso em: 26 abr. 2020.

O trecho inicial dos textos motivadores, as instruções para a redação, é um discurso autoritário – produzido pelo enunciador Enem. Sendo assim, é a dominação pela palavra, domina-se o candidato para que não haja fuga das diretrizes traçadas pelo exame. Segundo Citelli (1995, p. 39), “é um discurso exclusivista, que não permite mediações ou ponderações”. Portanto, o texto inicial apresenta um plano de base sem possibilidade de fuga, homogeneizando normas para todos se encaixarem num padrão de exigência.

Parte-se da paratextualidade – elementos que circundam o texto e que ajudam na ativação do conhecimento de mundo – para analisar a primeira camada do texto. O texto disponível também na internet sobre algoritmo é escrito por Daniel Verdú – correspondente do *El País*. Logo, tem-se um argumento de autoridade, ou seja, apela-se a uma autoridade no assunto ou à reputação do orador para convencer o candidato sobre o tema. Embora possa o orador ser desconhecido para os candidatos, a refutabilidade torna-se, ainda assim, menor dado de que não se questionariam as opiniões desenvolvidas pelo orador sobre algoritmo, mesmo que ele não seja especialista na área.

O texto é apresentado com o uso de um exemplo, ou seja, uma situação até então verdadeira, já que os serviços de *streaming* sugerem opções de músicas e filmes para os clientes. Logo, a adesão à tese torna-se mais forte por parte do candidato. Mesmo que o argumento seja construído por um exemplo que poderia não ocorrer em todos os aplicativos, isto é, uma generalização, o raciocínio apodítico está presente: se você usa serviço de *streaming*, seus dados são coletados para sugerir músicas e filmes ao usuário. A ordem da qualidade dos aplicativos e da tecnologia usada é notória. Além disso, o *páthos* do auditório (o candidato leitor dos textos motivadores) é atingido pelo exemplo no começo do texto, já que pode ocorrer uma identificação desse leitor imerso na tecnologia.

Ao falar-se de “sistemas de outros aplicativos e redes sociais”, a generalização tem efeito enfático, sem uso de prefácio atenuador, indo direto ao argumento: a coleta é feita por todos os aplicativos, por exemplo. Ademais, na frase “que não costuma falhar”, há uma inferência lógica, ou seja, o grau de falha dos aplicativos ao obterem os dados dos usuários é baixo.

O texto é construído por uma série de fatos encadeados levando a uma conclusão, ou seja, uma sucessão de fatos. Logo, o argumento maior é o *ad consequentiam* – a consequência da expansão da tecnologia acabará privando, mesmo que se tenha liberdade, as escolhas individuais. Vê-se de maneira clara

na última frase: “a ilusão de liberdade de escolha que muitas vezes é gerada pelos algoritmos”. O que chama a atenção é a frase anterior: “E esse é o problema principal”, visto que dá margem para interpretação de que pode haver mais problemas, contudo esse – a falta de liberdade digital – é a principal, as outras, no texto, estão silenciadas.

Toda a produção argumentativa leva a um único lado do uso da tecnologia dos aplicativos: a privação – elemento negativo, disfórico. Todavia, o lado positivo, eufórico, é oculto no texto. Dessa forma, o auditório (representado efetivamente pelo candidato que lê o texto motivador), caso não perceba, é conduzido apenas aos empecilhos que a internet pode trazer. Há de maneira implícita o argumento *ad antiquitatem*, ou seja, a tecnologia dos algoritmos – o avanço tecnológico – é uma problemática. Porém, a melhoria tecnológica na vida dos usuários parece, pois, não existir. A rapidez e a comodidade são apagadas, levando o leitor a uma única conclusão: evite a tecnologia a fim de obter sua liberdade de volta.

O *éthos* do proponente é construído de maneira quase impessoal; contudo, na última frase, evidencia-se um tom de preocupação por parte do autor. Por sua vez, o oponente – nesse caso, os profissionais da tecnologia – é silenciado, pois não há nem uma evidência no texto, por exemplo, favorável ao uso ou ao aprimoramento dos algoritmos. Logo, o discurso final – da dúvida – não é ressaltado ao candidato, ficando, assim, tácito e silenciado.

O texto escrito pelo orador Pepe Escobar – jornalista brasileiro, especialista em geopolítica –, “A silenciosa ditadura do algoritmo”, já exprime um viés argumentativo pelo título conceitual na escolha do sintagma nominal “silenciosa ditadura”, expressando e evocando o passado histórico do regime militar brasileiro. A isotopia do texto é mantida pela seleção lexical: “exército”, “controle”, “eliminado”. A tematização, abordagem do assunto do texto de maneira abstrata, e a figurativização, concretude dos conceitos abstratos no texto, trazem um lugar retórico pelo medo, isto é, cria-se uma “metáfora do roubo” (ABREU, 2009) dado que se está tirando algo de alguém sem o seu total consentimento e ciência.

Novamente, a exemplo do texto I, o II também expressa o lado negativo do algoritmo. Fazendo uma analogia à ditadura, o orador leva o auditório a uma leitura única do texto: os sistemas estão cerceando o acesso a outras informações, ou seja, restringindo o leitor apenas ao nicho captado pelas preferências do usuário. A opinião do orador adquire um valor dominante e contundente.

Há de certa forma um argumento pelo antimodelo, já que não se deve imitar o processo ditatorial de muitos governos na internet, alienando os usuários de outras fontes de informação. Sendo assim, a alegorização do algoritmo em um ditador pode ter um alto grau persuasivo já que afetará o *páthos* do candidato, auditório para o qual a escolha do texto é dirigida; evitando, assim, o uso de aplicativos que capturam os dados ao navegar na internet. Mesmo num país democrático, pensando-se no Brasil, coerções midiáticas poderiam ser possíveis pela internet. Caso um usuário acesse *sites* mais liberais, os servidores seriam ocultos a esse leitor.

No sistema sintático, a pouca subordinação deixa o texto mais direto e mais incisivo. O orador usa bastante argumento por definição. Sendo assim, o alto grau de argumentação é quase irrefutável, já que as definições, por exemplo, se pretendem universais. Porém, elas criam um ponto de vista, ainda mais em se tratando de um assunto mais técnico como computação.

A conclusão-síntese do texto remete ao primeiro texto motivador: a não liberdade do cidadão em suas escolhas. Novamente, o lado positivo, caso haja, não é exposto ao vestibulando. O texto apresenta-se em terceira pessoa desde o começo; há, pois, no final, o emprego da primeira do plural a fim de trazer a adesão e comunhão universais do que se afirmou anteriormente no texto. Logo, o autor coloca-se próximo ao auditório, ou seja, “há perigo na internet: nós que sofreremos com isso”.

O texto III é pautado na ordem da quantidade – uso ilustrativo de infográfico com dados e estatísticas. Os dados são expostos para ratificar os dois textos supracitados, por exemplo. A legitimação do texto é vista na paratextualidade: a fonte IBGE. A autoridade que valida a argumentação é o instituto de pesquisa, ou seja, uma instituição respeitada e conhecida pela seriedade.

Porém, pode-se manipular com número, por exemplo. Sabe-se que o acesso à internet no Brasil ainda é precário, logo não se sabe de qual camada da sociedade o texto aborda, entre outras informações necessárias para total compreensão. Dessa forma, o uso das estatísticas poderia conduzir o candidato à generalização durante a escrita da redação.

O *éthos* construído pelo texto é de autoridade – intratextualmente, pelos números apresentados, levando o candidato apenas a uma direção: o uso exacerbado da internet; extratextualmente, a imagem simbólica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, ou seja, a pessoa extradiscursiva é legitimada visto que é um instituto público da administração federal brasileira.

A didaticidade do infográfico apresenta-se ao auditório, por hipótese, de maneira facilitada, já que possui pouco texto verbal e com informação sintética. O raciocínio usado é o apodítico, uma vez que o contra-argumento teria de ser exposto com outros números. No entanto, o instituto fez a pesquisa selecionando certos números e ocultando outros. Embora não seja imparcial, o efeito de sentido obtido pela textualidade é a objetividade. Segundo Fiorin (2015, p. 144, grifos do autor), “esse argumento está fundado numa lógica quantitativa, fazendo apelo à maioria, seja ela numérica, seja ela vinculada por sintagmas do tipo ‘clamor popular’, ou ao *bom senso*, considerado um atributo da maioria”.

O caráter demonstrativo é maior do que o argumentativo. Dessa forma, consoante Plantin (2008), a demonstração tem posição *monological*; enquanto a argumentação, *dialogal*. Instaurou-se, culturalmente, o uso de dados estatísticos como forma de provar, irrefutavelmente, um argumento. Mesmo assim, segundo Huff (2016), a interpretação dos números pode ser subversiva e parcial, fazendo-se, assim, uso enviesado de dados para justificar certa posição.⁷ Desse modo, a argumentação pauta-se pelo discurso autoritário, distanciando-se de uma abertura dialogal.

O texto IV apresenta-se logo de início com o uso da primeira pessoa do plural, isto é, dando a impressão de proximidade entre o orador e o auditório. Em “mudanças sutis”, o adjetivo dá margem para a inferência, a qual mexe com o *páthos* do auditório, já que ínfimas mudanças nos sistemas de tecnologia, sendo elas imperceptíveis, podem alterar o comportamento do usuário.

Em “Mas nós praticamente não sabendo como isso tudo é filtrado”, novamente há uso de emotividade para persuadir o candidato que se identifica com o orador. Ao inserir-se no meio do público para quem fala, há o uso pelo orador do texto motivador do argumento *ad populum*. Mesmo afirmando que não sabe como funciona o sistema de algoritmo, a falácia instaura-se porque pode-se pesquisar o funcionamento desse complexo tecnológico – eximir-se do conhecimento, ou melhor, da aquisição de ele tentar validar a proximidade com o público em geral. Por conseguinte, cria-se a oposição do autor à tecnologia.

O texto também apresenta oposições. Todavia, o resultado dessas contra-posições é positivo ao lado da não tecnologia dos algoritmos. Pretende-se um raciocínio mais aberto, contudo, ao final, se comparado aos outros textos da

7 Cabe afirmar que o orador autor do texto não diz que as distorções são sempre feitas pelos profissionais da área da estatística, mas sim por pessoas várias que fazem uso desses dados.

coletânea, vê-se que é apenas figuração do orador. A alegorização – ou a *personificação* – da tecnologia pode ser usada como recurso para amedrontar o leitor, fazendo-o ficar preocupado com a exposição nas mídias e até mesmo receoso na navegação na internet.

A oposição feita no final – “decisão informada *versus* obediência influenciada” – não traz a contraparte: a não manipulação, mas sim a facilitação aos recursos *on-line*. Ou seja: novamente, não se mostra a parte que pode ser positiva dentro do uso da tecnologia. Desse modo, o controle das pessoas sobre o uso de dados e de algoritmos deve prevalecer sobre o uso “às escondidas” de muitas empresas e sistema de coleta de dados.

Ratifica-se, assim, que a proposta de redação deixe implícito, de maneira sutil, que o candidato deve seguir a vertente dos textos apresentados anteriormente. Ainda assim, há uma margem para uma contra-argumentação, mesmo que silenciada e não evidente ao longo dos textos da coletânea. Embora seja possível uma argumentação em outra direção, tem-se em mente que o candidato seguirá uma única vertente do tema proposta, já que o direcionamento dos textos motivadores focaliza apenas um caminho argumentativo possível, isto é, uma única visada argumentativa, não apresentando, assim, um outro lado nesse debate sobre tecnologia e algoritmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidencia-se, dessa maneira, a perspectiva monologal do Enem de 2018, pois não se pronuncia sobre o outro lado da temática, nessa proposta de redação analisada, ao menos. A argumentação – que é dialogal – está opaca ao candidato orador do texto dissertativo-argumentativo, gênero essencialmente democrático quanto à exposição de opiniões e ideias acerca de um tema. Outra vez, tem-se a impressão de que o orador da prova – Enem – e os autores selecionados (os outros oradores) apenas visaram ao aspecto negativo da tecnologia, silenciando a gama de possibilidade e de facilidade trazida pela internet e pelos aplicativos: seja pela apresentação de depoimentos de cientistas da informação, seja pelas leis já existentes que garantem a proteção do usuário na internet.

O discurso dominante – “as instituições falam através dos signos fechados, monossêmico, dos discursos de convencimento” (CITELLI, 1995, p. 32) –,

característico do discurso pedagógico, é evidenciado na prova de redação do Enem dado que transmite estereótipos negativos sobre os avanços tecnológicos proporcionados pela internet.

Todos os exemplos têm um tom de discurso deliberativo, isto é, desejam aconselhar o auditório a ter cuidado num futuro próximo com a internet e o uso de dados pessoais nesses sistemas. No entanto, trabalham os textos com um viés verossímil, já que não há prova concreta do perigo. Pode-se, por exemplo, questionar a facilitação e até a otimização que o uso do algoritmo teria na rotina dos usuários da rede por meio do aprimoramento desses dados salvos em rede.

O lado racional – *lógos* – deixa marcas nos textos, porém o lado mais afetivo – *éthos* e *páthos* – é mais persuasivo, uma vez que os oradores se colocam dentro do espectro de preocupação com o futuro da tecnologia; imaginando, assim, uma espécie de ditadura virtual, coerção essa que estaria sendo feita às escondidas. Os *éthe* são convincentes porque estabelecem uma conexão de simpatia com o enunciário, não colocando imposições, mas suscitando a reflexão e o cuidado com a coleta de dados.

Há provas usadas na condução da argumentação que são extrínsecas – vistas no gráfico e no texto II – e intrínsecas – construídas pelo enunciador, por exemplo, no texto I. Logo, todas as premissas se tornam verossímeis pela maneira da demonstração: afirma-se e, depois, conclui-se ratificando a ideia de prevenção, isto é, evidenciando-se uma argumentação mais pedagógica do que jurídica ou filosófica.

Figurativamente, o caráter erigido pelos oradores é hiperbólico – aumentando as preocupações com a internet em excesso (REBOUL, 2004). Além disso, todos os textos expostos pelo Enem trabalham com a metalepse: a causa – evolução desenfreada e não regulamentada do uso e coleta de dados – e a consequência – risco iminente de uma ditadura cibernética. Similarmente, os textos motivadores designam-se em gradação ascendente, isto é, da sutileza até ao alarme da pretensa ameaça.

Todos os oradores são sujeitos preocupados com o avanço da tecnologia do século XXI. Ou seja: apreensivos com o futuro camuflado e secreto da internet, argumentando contra o não debate e a não exposição da veracidade sobre a manipulação de dados. Fala-se sobre o assunto por causa da falta de regulamentação – de leis na internet e fora dela. A maneira como os textos são expressos caracteriza o argumento do terceiro excluído: apenas duas soluções

parecem prováveis para o vestibulando dissertar, isto é, a favor ou contra. Dessa forma, parece não haver possibilidade de abertura para um campo dialógico mais ampliado.

Rhetorical analysis: “motivating” texts of the Enem entrance exam 2018

Abstract

This article aims at analyzing rhetorically the collection of texts of the entrance exam Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) of the of the year 2018 to understand its argumentative construction and conduction of those tests in the exam, which are presented by means of pedagogical discourse that is considered neutral, and its affects in the candidates taking the exam. It intends to demonstrate the dominant discursive perspective in the place of other when presenting the subject set by the exam. This analysis uses rhetorical elements with the support of studies of discourse guided to argumentation in discourse and it provides a different perspective when it deals with text production because it observes factors which guides the writing production and not exactly the production itself.

Keywords

Rhetoric. Text production. Enem.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. 13. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. São Paulo: Contexto, 2018.

CITELLI, A. *Linguagem e persuasão*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1995.

FERREIRA, L. A. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2017.

FIORIN, J. L. *Figuras de retórica*. São Paulo: Contexto, 2014.

FIORIN, J. L. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.

HUFF, D. *Como mentir com estatísticas*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

PLANTIN, C. *A argumentação*. São Paulo: Parábola, 2008.

REBOUL, O. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.